



# X Fórum Nacional NEPEG

## de Formação de Professores de Geografia

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

### **IMAGEM E GEOGRAFIA: A PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA.**

Gabriel Carvalho Cabral  
Instituto Federal Fluminense (IFF – Campus Centro)  
gcarvalho996@gmail.com

Linovaldo Miranda Lemos  
Instituto Federal Fluminense (IFF – Campus Centro)  
linovaldomlemos@gmail.com

**Resumo:** A utilização de recursos imagéticos, fotografias e elementos visuais ocupam um papel central nas sociedades contemporâneas, marcadas que são pela presença quase que ubíqua de dispositivos, mídias e redes eletrônicas. Ao entender-se que os conceitos espaciais estruturantes da Geografia são construídos a partir da interação do aluno com sua realidade cotidiana, as ferramentas de representação espacial e de registros fotográficos se apresentam, para a educação geográfica, como uma possibilidade de compreensão dos processos espaciais. Desta forma, o trabalho objetiva compreender o papel da imagem fotográfica como importante recurso didático no processo de ensino-aprendizagem da geografia, propondo, para tanto, um roteiro didático-pedagógico com o uso da fotografia como recurso para construção do pensamento espacial, a partir da elaboração e da realização de oficinas. Com os dados obtidos a partir da sequência didática foi possível apontar que a fotografia no ensino da geografia não se apresenta como um simples registro imagético, mas sim como um possível meio através do qual o aluno observa, analisa, questiona e, assim, constrói sua consciência espacial.

**Palavras-chaves:** Oficina de Fotografia, Educação Geográfica, sequência didática.

#### **Introdução**

O processo de construção de conhecimento na geografia escolar está diretamente relacionado ao cotidiano do aluno, às práticas sociais e à sua espacialidade por isso, “a

necessidade de sua articulação à dinâmica sociocultural local e global, às demandas da sociedade contemporânea e de seus alunos, da comunidade da escola, do bairro e da cidade em que está” (CAVALCANTI, 2012, p. 16). O objetivo geral deste trabalho é a compreensão do papel da imagem, especificamente a imagem fotográfica, como importante recurso didático no processo de ensino-aprendizagem da geografia. Nesse sentido, relata a experiência no desenvolvimento um roteiro didático-pedagógico envolvendo a fotografia como recurso para construção do pensamento espacial e aponta possíveis caminhos para o uso das técnicas fotográficas como uma forma de leitura do mundo, representação espacial e apreensão dos processos geográficos.

No cerne do presente trabalho está a proposta de uma sequência didática utilizando a fotografia como ferramenta de observação e de registro dos elementos da paisagem para a construção do conhecimento geográfico. Conforme Zabala (1998), a sequência didática apresenta-se como [...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos [...] (ZABALA, 1998, p. 18).

O trabalho torna-se pertinente uma vez que a Geografia, tanto como ciência quanto disciplina escolar, é confrontada por um contexto complexo de uma “sociedade pós-industrial, sociedade pós-capitalista, sociedade pós-moderna” (CAVALCANTI, 1998, p. 15). Esse contexto influencia “diversos campos da vida social, entre as quais destacam a [...] educação, por exemplo” (AZEVEDO, *et al.* 2014, p. 170). Não existe objetividade na fotografia, pois ela é capaz de proporcionar diversas interpretações sobre um mesmo objeto, tendo potencial atrativo e estimulando nos alunos a curiosidade e o fascínio pelo aprendizado através da linguagem visual.

### **Aproximações entre a geografia e a fotografia**

A fotografia pode servir para inúmeras atividades e diversas ciências utilizam esse recurso de representação. Para cada foto existe uma intenção. Assim, é como cada indivíduo emprega sua geografia através da imagem fotografada. O fato é que toda fotografia pode ser vista como geográfica mesmo quando não há por detrás dela um intuito geográfico. A geografia jamais estará ausente em uma imagem fotográfica por sempre tratar de um espaço,

um período no tempo, das relações socioespaciais, do movimento, além da personalidade de quem registra.

Além disso, a fotografia possibilita contar histórias através de álbuns, exposições, etc. O ordenamento de cenas corresponde certa cronologia dos fatos ligados ao processo registrado num determinado intervalo espaço-temporal. A fotografia representa uma modernização dos registros. Desde sua invenção, a fotografia foi usada pela ciência em diferentes ramos como a astronomia, medicina, fisiologia, entre muitas outras. Por isso, “a fotografia veio a ser a retina do cientista” (REIS JÚNIOR, 2014, p. 17). Isso não quer dizer que o registro fotográfico foi aceito de forma amigável pelos geógrafos clássicos, pois, no começo de sua inserção à geografia, a fotografia “não chegará a ser visto em suas potencialidades demonstrativas; não ultrapassará, portanto, o status de elemento decorativo” (Op. Cit., 2014, p. 21).

O olhar não é livre de significados, intenções e interpretações. Entre o emissor da mensagem e o receptor existe a percepção do recado a ser passado, ou seja, a imagem tem sentido quando passa de uma simples reprodução imagética para ser uma fonte para quem recebe a mensagem para atribuir um significado a ela. Carregadas de simbolismos, nos atraem e nos despertam sentimentos, criam pertencimento a um grupo ou a um lugar, reaviva lembranças e preserva memória de um tempo bem como suas características sociais, políticas e econômicas (AZEVEDO, *et al.* 2014). Conforme Santos (2008) elucida quando refere que “a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições” (p. 73) é possível entender que ela é composta por instantes distintos e que suscitará diversas interpretações. O conceito de paisagem remete-nos a um recorte particular do espaço, e não somente a uma composição de formas. Estas, por sua vez, não têm sua descrição restrita à função que cumprem no presente, pois sua funcionalidade está submetida às variações impostas pela mudança na organização social, modos de produção, etc (SANTOS, 2008).

Isto nos faz pensar que a fotografia não deve ser tratada como uma simples cópia do real, pois, como uma *representação*, traz consigo vestígios de uma estrutura social, política, econômica que são captadas na fotografia. A imagem se apresenta como uma linguagem capaz de transmitir conteúdos que serão lidos e decodificados. Contudo, essa interlocução não precisa ser necessariamente uma forma verbal de comunicação entre os sujeitos envolvidos. Para Berdoulay, “o papel ocupado pelas imagens nesse processo é central. São elas que

mediatizam de maneira sensível a relação do sujeito com o espaço” (BERDOULAY, 2012, p. 123).

### **Oficina de fotografia para o ensino de geografia: um relato de experiência**

A aplicação da sequência didática ocorreu no Liceu de Humanidades de Campos como parte integrante de um Festival Geográfico que acontece na escola com um grupo de cerca de 30 alunos, variando a cada encontro. Como uma oficina extracurricular teve a presença de diferentes séries (do 9º Ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio). Os dias e horários eram decididos de acordo com a disponibilidade da maioria dos alunos envolvidos.

As discussões mais teóricas da oficina versaram sobre o que é imagem, seus usos na atualidade, a sua importância na vida cotidiana, noções de “alfabetização geoimagética”, breve histórico da fotografia, funções da fotografia, processo do registro de uma fotografia, a imagem fotográfica para o ensino de Geografia, técnicas para interpretação e registro das fotografias. Esta base mais ampla se insere numa preparação para a sequência didática propriamente dita que foi construída com os alunos. De acordo com Zabala (1998, p. 53), a sequência didática é uma “série ordenada e articulada de atividades que formam as unidades didáticas”, ou seja, busca-se através dos objetivos alcançar com os alunos uma série de atividades organizadas para atingir a aprendizagem do conteúdo selecionado. A sequência foi planejada para ser aplicada em quatro encontros, levando em consideração que cada dia possui duas aulas de 50 minutos.

A atividade ocorreu em quatro encontros com a produção inicial, os módulos/oficinas e, por fim e não menos importante, a produção final. Todo esse percurso didático conta com uma situação-problema e conseqüentemente o objetivo maior que é o desenvolvimento crítico dos alunos acerca das imagens, especialmente a fotografia, visando desenvolver o pensamento espacial e o raciocínio geográfico dos educandos.

O espaço no qual os alunos estão inseridos foi considerado na aplicação da sequência. Compreender o mundo e o cotidiano que eles vivem é importante para a construção dos princípios do raciocínio geográfico, e assim, a cidade de Campos dos Goytacazes e as mudanças que aconteceram no espaço ao longo do tempo foi o ponto de partida. O intuito foi

mostrar esses tempos e as modificações que ocorreram por meio de fotografias do espaço que eles experimentam, possuem uma vivência, observam, etc. A Oficina foi composta por quatro encontros, a saber: No primeiro encontro tivemos a Apresentação da situação e a Produção Inicial. No segundo encontro tivemos o Módulo 1 “Exercício de Leitura de Imagens” e o Módulo 2 “Técnicas fotográficas para leitura e registro”. No terceiro encontro tivemos “Análise e escola das fotografias” e, no quarto e último encontro, a “Produção Final”.

Na *Produção inicial* foi feito uma roda de conversa para identificar o conhecimento prévio dos alunos acerca da imagem e da fotografia. Pretendeu-se, com isso, investigar como eles vêem as imagens, qual a importância do recurso imagético na vida cotidiana deles, como eles se sentem diante da disseminação das imagens na atualidade, saber se costumam se expressar através das fotografias, qual a relação deles com a fotografia, o que ela representa para eles, investigar se o recurso imagético os auxiliavam na compreensão do mundo. Com o módulo *Exercício de Leitura de Imagens* os alunos observaram fotografias de diferentes momentos temporais do espaço urbano campista e importantes edificações da cidade com o intuito de perceberem as transformações da cidade ao longo do tempo. Com isso, expor as motivações para as transformações e as funções que se modificaram obedecendo a uma lógica espacial, cultural, política, econômica e social que a cidade presenciava.

Buscamos, com a apresentação das fotografias, perceber como os alunos lêem as imagens, ou seja, se à forma de leitura já corresponderia a algumas das técnicas que seriam abordadas posteriormente. Além disso, nesse momento, foi possível reconhecer os conceitos espaciais que eles possuem e identificar o desenvolvimento do raciocínio geográfico sobre a realidade espacial na qual eles vivem e experimentam cotidianamente. Após o módulo Leitura de imagens e conhecendo como os alunos lêem e interpretam as imagens que fazem parte do seu cotidiano, foram apresentadas algumas técnicas fotográficas que podem ser utilizadas tanto para leitura das imagens já postas pelos veículos midiáticos atuais quanto para o próprio ato de fotografar.

Com a assimilação das técnicas de enquadramento, os planos (geral, médio e primeiro plano), o foco, as perspectivas e os ângulos. Ressaltando que as técnicas são de certas formas cumulativas numa imagem (elas aparecem juntas na composição fotográfica), a separação foi feita didaticamente. Os alunos foram, então, desafiados a fotografar até o próximo encontro e que fossem capazes de transpor para a fotografia suas espacialidades. O caminho que eles

percorrem, os lugares que frequentam, fatos e formas que chamam atenção na cidade, as transformações na cidade ao longo do tempo, entre outras coisas. Não foi limitado um tema específico ou coisas específicas para que eles pudessem exercitar a criatividade com as técnicas além de conseguir articular e transmitir, mesmo que de forma não intencional, os conceitos espaciais na fotografia. Por exemplo, com os conceitos espaciais de posição, descrição, forma, arranjo, concentração, movimento, distância, região, direção, entre outros expressos na fotografia proporcionará aos alunos ao entender que o espaço estrutura-se a partir da sociedade na qual ali habita e que esse espaço, essa paisagem não será igual a nenhum outro devido às características particulares dessa sociedade. Nessa lógica, chegaram aos princípios geográficos de analogia, conexão, distribuição e ordem.

A *produção final* consistiu em uma conversa sobre os resultados da oficina. Saber o que os alunos tinham para destacar sobre tudo o que foi falado e construído durante os módulos. Além disso, uma análise das fotografias produzidas e escolhas para exposição do Festival. Essa análise foi importante para saber se o pensamento espacial dos alunos foi expresso através da fotografia, entender a mensagem que cada educando desejava passar estava de acordo com as técnicas utilizadas em cada imagem escolhida.

## **Resultados e discussões**

Os alunos questionaram bastante a disponibilidade dos dias e horários das atividades. *“O horário é muito apertado pra gente. Essas oficinas que estão oferecendo é uma coisa que quase não acontece, acho que poderia existir uma liberação da direção para que a gente pudesse participar mais”*. Outro aluno diz: *“Nosso tempo para as atividades são insuficientes, quando a gente começa a se empolgar já temos que voltar para as aulas normais. Por ser algo atípico aqui na escola poderiam liberar as turmas pelo menos uma vez por semana, ou selecionar dias e horários específicos para que fossem feitas as atividades com a gente, isso é muito ruim!”*

Aconteceu um fato em específico que demonstra como a escola não está preparada para lidar com atividades diferenciadas: alguns alunos que tinham aula de história em um horário após a oficina, mas a professora concedeu um horário para que os alunos pudessem terminar. Mas a inspetora nos interrompeu colocando todos os alunos de volta para sala pois

não havia uma autorização (formal, escrita) de que os alunos estivessem liberados. A professora também não confirmou a liberação da turma devido à pressão da inspetora citando a direção da escola. Precisamos de uma alternativa para terminar com esses alunos e no outro dia com meu notebook terminamos o módulo em 20 minutos do intervalo do lado de fora da escola. Outro empecilho para o desenvolvimento das atividades foi um local adequado. Apenas uma vez nos foi disponibilizado o auditório com o *datashow*. Todos os outros encontros foram em salas sem nenhum recurso para que os alunos pudessem observar as imagens, as técnicas, entre outras coisas. Contudo, conseguimos nos desviar desses problemas para que os alunos alcançassem o propósito dentro da Sequência<sup>1</sup>.

No que tange aos resultados dos módulos, na apresentação inicial houve certo entusiasmo no planejamento da oficina, pois era algo distante da realidade escolar. No início da conversa proposta na produção inicial que era discutir aspectos relacionados à imagem e a fotografia, os alunos demonstraram bem o que eles entendiam a princípio sobre a temática. Questionados, eles responderam: *“Considero a imagem uma forma de expressão. Um meio de comunicação. A gente vê imagem em tudo. Aqui na escola também não é diferente, nos livros, nos filmes e vídeos que os professores passam, cartazes nos corredores.”* Em outra fala:

[...] Acho que a imagem serve também pra lembrar alguma coisa, por exemplo, em casa sempre tem uma foto na estante ou no álbum que faz a gente reviver e recordar, enxergar as mudanças na nossa casa, os lugares que íamos e que não existem mais ou também já mudaram, como a gente mudou também e evoluiu ao longo do tempo.

Após levantar essas premissas, discutimos e construímos juntos a importância e o papel da imagem para a educação e como ela se apresenta em nossas vidas cotidianas. Além disso, perceber a influência e o poder da imagem nos dias atuais, como ela pode ajudar desenvolver pensamento crítico, alienar, carregar fatos, manter a memória, etc. Ou seja, a produção inicial foi uma fase mais investigativa e avaliativa a partir da conversa e das discussões levantadas em conjunto. Com essa investigação foi possível perceber alguns conceitos espaciais já pré-estabelecidos. Na fala acima, quando é destacada a mudança na casa, os lugares que existiam, as coisas que já mudaram ao longo do tempo foi elencado sem perceber pelo aluno conceitos espaciais importantes como localização, posição, movimento, sobreposição, descrição, distribuição, forma, etc. A partir dela, analisei como se apresentava o

---

<sup>1</sup> Uma aluna destacou que: *“É sempre muito complicado fazer coisas que precisem do auditório, ou da sala de multimídia. As nossas oficinas de fotografia poderiam ser muito melhor aproveitadas se tivéssemos no auditório, pelo espaço, ar condicionado, datashow. Infelizmente só conseguimos uma vez”*.

pensamento espacial e o raciocínio desses alunos e como a imagem fotográfica estava presente nesse processo. Com esse panorama, continuei a sequência ressaltando e abordando os pontos mais defasados nesses educandos que era a relação da Geografia enquanto disciplina com a fotografia.

Seguindo o planejamento, a próxima etapa foi o Exercício de Leitura de Imagens. Ao conversar com os alunos sobre as fotografias da cidade em diferentes momentos ressaltando as modificações ocorridas constatei que eles não conheciam o espaço no qual eles convivem. O cotidiano desses alunos não está tão presente nas aulas de Geografia. Muitos desconheciam a história e as motivações envolvidas na construção e modificação da paisagem e de importantes edificações da própria cidade. Muitos nunca tinha visto a Torre do Mercado Municipal, não sabiam para que servia o Canal Campos-Macaé, entre outras características espaciais que envolvem a cidade. A partir da observação e leitura dirigida das fotografias antigas e novas os alunos começaram a perceber as transformações, o movimento, a sobreposição dos tempos, as formas, a distribuição, ou seja, alguns conceitos espaciais começaram a serem despertados por eles à medida que se perguntavam: como aconteceu? Porque aconteceu? Onde? Não existe mais? Como funciona isso? Etc. Pouco a pouco e sem perceber eles estavam desenvolvendo os conceitos espaciais pré-existentes em suas vidas cotidianas.

Uma aluna chegou a questionar as fotografias da Praça do Santíssimo Salvador ao perceber o alargamento das vias laterais, alterações nos bancos, pisos e diminuição na quantidade de árvores. Complementando, um outro aluno citou a presença significativa dos carros, movimento intenso de pessoas na praça, lembrou também de shows e manifestações que já aconteceram na praça. Com isso, chegaram a conceitos espaciais como movimento, percepção, descrição, forma, magnitude, distribuição. Com essas conceituações foi permitido contribuir para desenvolver princípios do raciocínio geográfico de conexão ao entender que essas mudanças não aconteceram sem um motivo e de forma isolada; distribuição e localização devido citarem a distância dos objetos como bancos e árvores para obter um espaço amplo e ordem quando destacam as demandas que foram construídas pela sociedade ao necessitar de vias mais largas para o fluxo de carros e número maior de pessoas.

Com essas atividades foi possível estimular nos alunos a leitura adequada das imagens fotográficas e propiciar a articulação dos conhecimentos que abarcam os conceitos espaciais



para evolução dos princípios que abrangem raciocínio geográfico. Além de ter sido extremamente importante para o conhecimento dos alunos sobre espaços da cidade que eles habitam, experimentam, mas até então não conheciam.

Com as imagens escolhidas os alunos construíram pequenas descrições das imagens empregando conceitos geográficos tratados durante os módulos retratando o recorte temporal, as funções empregadas aos objetos, ou seja, a trajetória dos objetos presentes na imagem. Algumas fotos e o motivo que levaram ao registro bem como a legenda construída nos chamaram a atenção.



Figura 4: “Não pare, não olhe, não vai escutar”.  
Fotografia produzida pela aluna, 2019.

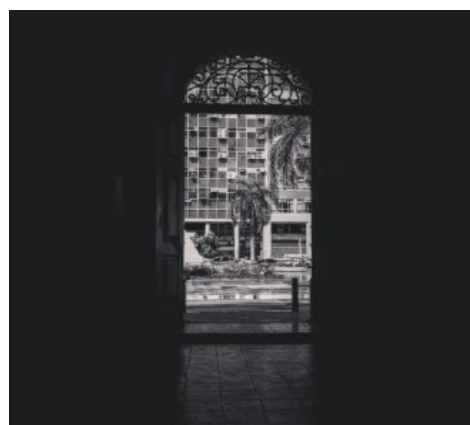


Figura 5: “O novo pelo velho”. Fotografia  
produzida pela aluna, 2019.

A Figura 4 acima nos chamou a atenção devido à técnica utilizada que possibilitou o engrandecimento do poste e das placas e também porque essas placas estão em vários lugares devido às vias férreas que tradicionalmente perpassam toda cidade. Contudo, mesmo com diversos postes como este as pessoas não costumam reparar, pois os trens já não circulam mais. Perguntei à aluna o motivo da fotografia e o porquê da técnica utilizada. Segundo esta:

Chega ser engraçado. Eu moro em frente a linha do trem e me recordo um pouco do barulho que o trem fazia quando passava. Só que esse barulho é muito alto e me acordava sempre, principalmente quando soltava aquela buzina ridícula (risos). Eu ficava com muita raiva. Depois de um tempo, o barulho já não me incomodava mais, os trens não passavam mais. Por muito tempo eu me perguntava o motivo de não existir mais. Eu fotografei assim de baixo para cima pra mostrar a força, a grandeza da época em que o trem ainda passava por ali. E apesar de que eu não gostasse do barulho ele fez parte da minha infância e eu não podia fazer muita coisa pra parar aquele barulho. Mas quando ele não me incomodou mais ele ainda permaneceu na minha mente com essa dúvida. Hoje, com tudo que a gente aprendeu eu consigo entender o verdadeiro motivo da ausência desse barulho que me atormentava na infância.

Podemos identificar conceitos espaciais analisando a fotografia, a legenda, e a fala da aluna. Conceitos de identidade do lugar, pois aquela placa, o barulho, a linha do trem permanecem desde a infância até hoje, de certa forma há uma identificação com esses fatos articulada a espacialidade da aluna. Além de conexão e articulação, movimento, transição, uma vez que ela entende que as mudanças espaciais de ordem política e econômica contribuíram para a queda da hegemonia da ferrovia na cidade e em todo o território brasileiro.

Na Figura 5 temos a fotografia na qual a aluna ressalta: *“Tirei essa imagem para mostrar o Liceu, um patrimônio histórico antigo, com esse prédio atual, mostrando que a urbanização cresce cada vez mais ocupando espaço na paisagem sufocando prédios com valores históricos”*. O que chama atenção da aluna é justamente o contraste produzido na paisagem, a diferença do “velho” e do “novo”. Além disso, a técnica utilizada pela aluna evidencia a altura do prédio residencial em relação ao Liceu de Humanidades de Campos. Assim, conceitos como comparação, forma, diferença, dominância, magnitude são revelados. Essa fotografia é interessante pela proposta do aluno. Ele destacou que ele passa todos os dias por essa rua para chegar à escola e nunca tinha reparado esses casarios antigos que ficam em sua maior parte no segundo andar<sup>2</sup>.

Já nas Figuras 6 e 7, abaixo, temos uma fotografia na qual a aluna buscou destacar a diferença entre as construções na Praça São Salvador, do lado esquerdo, marcada pelos prédios e construções mais atuais, e a direita as construções remanescentes, como o Museu Histórico, que permaneceram na paisagem mesmo com o avanço espaço temporal caracterizadas como rugosidades. Na fotografia e a proposta técnica da aluna, evidencia conceitos como posição, forma, transição, distribuição, diferença, ordem. Assim, entende-se que a estruturação do espaço não se deu isoladamente e tem total relação com a sociedade que a produziu, ou seja, as suas formas, a diferença entre elas, como se distribuem no espaço contam uma história de modificações que atenderam uma dinâmica específica da sociedade.

---

<sup>2</sup> Segundo relato de uma aluna: *“Devido a correria do dia a dia nunca percebi, mas depois da oficina comecei a enxergar. Um dia, saindo da escola fazendo o caminho oposto, visualizei esses prédios antigos, mas na minha visão ainda tinha um prédio novo no final. Só que com essa posição os prédios antigos parecem estar do mesmo tamanho do novo lá no final. A ideia era mostrar que eles são tão importantes quanto esses novos porque tem toda uma história da cidade que envolve essas construções”*.



Figura 6: “O crescimento urbano não possui regras”. Fotografia realizada pela aluna, 2019.



Figura 7: “O que ninguém repara”. Fotografia realizada pelo aluno, 2019.

Após a realização de todos os módulos propostos concretizou-se a investigação da aprendizagem dos alunos. As fotografias realizadas possibilitaram identificar se os objetivos foram alcançados. Trazemos a fala de um aluno em relação ao que foi trabalhado:

A oficina, todos os módulos foram essenciais para que a gente construísse um novo olhar. A parte da leitura das imagens por exemplo permitiu que a gente conhecesse a história da cidade e percebesse coisas na paisagem que antes não existiam, que mudaram, e também coisas que nunca tinha reparado. Eu fiquei muito surpresa com a beira valão e com a torre do mercado, lugares que eu sempre passo todos os dias mas não conhecia a importância e a história. Eu nunca tinha reparado a torre do mercado por exemplo. Depois de tudo que a gente aprendeu um nunca mais passei ali em vão, sem reparar as construções em volta, como as pessoas usam, e ainda fico me fazendo várias perguntas. Fico impressionada como a cidade muda e como a gente viu, foi por causa da gente mesmo, não tem mais o canal nem o trem, mas tem as pontes; não tem mais o bondinho, mas tem os carros e os ônibus; não tem sombra na praça e os bancos não parecem bancos de praça. Tudo isso contribuiu com um novo olhar e como uma nova forma de fazer parte da cidade também, conhecendo, observando, fazendo perguntas, e outras coisas.

É possível perceber que os alunos alcançaram um pensamento espacial e que conseguiram atingir um raciocínio geográfico a partir das análises e produção fotográfica. Muitos tinham dificuldade em conversar, falar sobre as percepções, contudo usaram a fotografia como essa forma de expressão, o que era esperado que eles fizessem.

### **Considerações Finais**

O trabalho buscou demonstrar como a fotografia pode ser uma ferramenta que contribui com o trabalho geográfico de leitura do mundo e, conseqüentemente, a formação do pensamento espacial. Além de fugir da ideia de fotografia como uma compensação do texto, um complemento da linguagem verbal, a oficina demonstrou o envolvimento e o despertar dos alunos para a sua cidade e vidas cotidianas. A leitura e o registro de imagens fotográficas

incorporam o espaço e o tempo de forma que o aluno pode comparar as características da paisagem questionando as modificações e/ou acontecimentos em diferentes escalas de análises e, ao mesmo tempo, compreender como os fatos geográficos estão conectados.

### **Referências**

- BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço.** (org.) Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 16ª ed, 2010. Campinas, SP: Papyrus, 1998. - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA.** Campinas, SP: Papyrus, 2012. - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço.** Técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre, RS.